

HEINRICH RATTNER¹

(Viena, Áustria, 1923; S. Paulo, Brasil, 2011)



Heinrich Rattner. Foto da ficha consular de qualificação.

Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

[devemos substituir por uma melhor]

1 Texto de Maria Luiza Tucci Carneiro com base em entrevistas concedidas por Heinrich Rattner em diferentes momentos de sua trajetória. Pesquisas: Blima Lorber e Tucci Carneiro. Vários documentos foram gentilmente cedidos por sua filha Daphne Rattner. Referências: Entrevista concedida por Heinrich Rattner a Valéria Salles, in: *REA*, n. 93, fevereiro de 2009. S. Paulo, 1º de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.pazagora.org/2008/05/entrevista-de-henrique-rattner-o-pensador-do-desenvolvimento/>>.

A família Rattner

Heinrich Rattner nasceu em Viena, em 5 de fevereiro de 1923, durante a simbólica República de Weimar, filho do casal Baruch e Golde Rattner [Frimer de solteira]. No Brasil ficou conhecido como Henrique Rattner e assim projetou-se no cenário brasileiro. A mãe Golde nasceu em Lemberg (Polônia), em 6 de abril de 1898, filha de Moses Winter e Fanny Fromer. Baruch Rattner nasceu em Hunakw (Polônia), em 22 de julho de 1895, filho de Moses Rattner e Sissl Wittmann. Henrique era um dos quatro filhos de Baruch e Golde: Leo Rattner (1925), Sophie Barth (1919) e Josef Rattner (1928), o mais novo.

Baruch, provavelmente, passou a infância e adolescência na sua terra natal Hussaków^A [Husakiv], na Ucrânia de hoje, entre Mosciska e Lviv. Nessa pequena aldeia da região de Lviv, Baruch deve ter vivenciado o impacto do caos gerado

A-Hussaków, citada no acordo *Ortsrepetitorium* de 1869, Reino da Galícia e Lodomeria, tinha 1.314 habitantes e 192 casas no circuito associado Mosciska, passando a contar com cinco mil habitantes em 1914. Após a guerra, a aldeia entrou para a administração da União Soviética. Hoje, Hussaków é descrita como uma aldeia na Ucrânia, na região de Moscica da região de Lviv, com cerca de 526 habitantes.



Viena (Áustria), cidade natal de Henrique Rattner.
Google Maps.

Heinrich Rattner

pela Primeira Guerra Mundial e o terror dos *pogroms* na região. No primeiro quartel do século XX, Baruch Rattner foi trabalhar na fábrica de munições Wöllersdorf, ao sul de Viena, e, depois, tornou-se mestre artesão de uma sapataria localizada na importante Klosterneuburgerstrasse, no nordeste de Viena.

Entre 1920 e 1938, os Rattner ocuparam várias residências em Viena, passando pelo distrito operário de Brigittenau, ao norte de Leopoldstadt, bairro judeu localizado entre o Danúbio e o Canal do Danúbio. Nesse lugar, nasceu Josef, o caçula dos irmãos Rattner, em 4 de abril de 1928. Por ocasião do nascimento de Josef Rattner, a família ocupava uma casa na Rauscherstrasse onde se lia, em grandes letras de pedra, “Josefshaus”, nome que pode ter sido a inspiração para o nome do último filho. Nesse período de 1920 a 1928, podemos dizer que a infância e adolescência dos pequenos Rattner ocorreram em momentos de



Tradicional loja de calçados na Rua Leopoldstadt, antes da ocupação da Áustria pela Alemanha. Viena, s.d. Disponível em: <<https://holocaustphotoarchives.com/the-holocaust-in-austria/>>. Acesso em: 8 set. 2018.

intensas lutas sociais que marcaram a Primeira República da Áustria: em 1927, ocorreu o incêndio do Palácio da Justiça em Viena; em 1934, os socialistas foram proibidos de se manifestar, e morreu o ditador fascista Dollfuss, assassinado pelos nazistas numa tentativa de golpe de Estado; em 1938, a Áustria é anexada ao *Reich* alemão. A partir desse momento, a vida cotidiana dos judeus naquele país foi marcada por perseguições e prisões.

Minha vida na Viena Vermelha^A

Cresci em um ambiente muito pobre, por um lado, mas, por outro, num momento histórico muito dinâmico, que foram os dez anos de governo socialista na cidade de Viena. No resto do país, estavam os cristãos-democratas, mas Viena era conhecida como *Das rotes Wien*, a Viena Vermelha. [...]. Daí, em todos os dias 1º de Maio, centenas de milhares de pessoas saíam às ruas cantando canções contra a guerra, canções socialistas e aquilo tudo me impressionou. Me impressionou também, por outro lado, o estudo na escola pública gratuita de muito boa qualidade o que ajudou a despertar meu interesse pelo mundo, que já existia provavelmente, mas que foi estimulado pelo que ouvi e pelo que pude ler, porque a escola tinha uma excelente biblioteca. De modo que desde os 12-13 anos eu sonhei com coisas do mundo, do mundo *lá fora*. Não tinha ideia das dimensões, sabia geografia. O primeiro livro que comprei foi um Atlas, assim pequeno, para saber onde é que estão os países. Por sinal, ainda guardo este Atlas, que tem mais de 50 anos.

A Viena Vermelha (1918-1934) foi uma experiência de socialismo municipal, liderada pelo Partido Socialista Austríaco (Sozialdemokratischen Arbeiterpartei – Sdap), que objetivou a mudança física e cultural da cidade para transformar a classe trabalhadora no “povo novo”, por meio de moradias de baixo custo, educação, lazer e esportes (RATTNER, *REA*, n. 93, 2009).

Neste tempo, quando terminei a escola, havia a questão “o que fazer?”. Não podia continuar a estudar porque não tinha dinheiro. O ginásio, a partir do segundo ciclo, era pago. Sem esperança de qualquer possibilidade, meu pai queria fazer de mim um sapateiro. Como ele era um sapateiro, ia ter um ajudante barato. Eu fui estudar e aprender sapataria na prática, durante um ano. Digo estudar porque pela lei qualquer aprendiz devia frequentar uma vez por semana a escola profissional. Para não ser alguém que só tivesse a habilidade manual, mas que também compreendesse os materiais e os processos. Então isto abriu também o meu mundo, mas eu diria que este mundo ainda era muito reduzido.

Minha vida era na sapataria e não muito mais, a não ser a possibilidade de frequentar o Movimento Juvenil de Escoteiros, no qual se discutiam os problemas do mundo, da sociedade, se recomendavam livros já mais avançados, livros antimilitaristas, antiguerra; famosos escritores naquela época eram Upton Sinclair, Jack London e Bernard Traven, todos eles tinham um fundo social bastante importante, cujos relatos configuravam um pouco a minha cabeça, no sentido de procurar me colocar no mundo, na busca, vamos dizer, de relações mais justas, mais equilibradas entre as pessoas.

Eu não sabia muito bem como, mas acompanhava, por exemplo, naqueles anos, o processo de Moscou pela imprensa. E fiquei muito desconfiado desde então de toda esta história, de tudo o que a imprensa cristã publicava, tanto sobre o regime soviético quanto o que publicava sobre Trotsky, parecia tudo farinha do mesmo saco. A série de julgamentos dos opositores de Stalin, entre 1936 e 1938, na União Soviética, ficou conhecida como os Processos de Moscou. Eles resultaram na execução de todos os membros do Comitê Central do Partido Bolchevique, à exceção do próprio Stalin. Leon Trotsky, também membro do Comitê Central, foi condenado à revelia e assassinado em 1940 no México. Este interesse pelo que *era*, e o que depois *viria a ser*, a Quarta Internacional, foi despertado quando eu tinha uns 14 anos.

A Quarta Internacional foi criada por Trotsky quando o fascismo e o militarismo cresciam na Europa, para se opor ao capitalismo através da união de todos os trabalhadores. Marquei, então, toda uma busca de informações, através de leituras, através de discussões, embora nem todos os companheiros do Movimento compartilhassem desta visão que eu chamaria *de esquerda*. Eles eram mais filhos da classe média e o que eles pensavam era que eles iriam

para a então Palestina, iam construir o lar nacional e tinham a visão Sionista. Não queria eu discordar, mas achava que o mundo não se explicava só por isso.

Sionismo, como uma ideologia, afirma que judeus constituem um povo ou nação como qualquer outro e que assim deviam estar ligados. Aconteceu que depois da entrada dos nazistas na Áustria, em 1938, eu adoeci. Fiquei durante um mês e meio hospitalizado entre um lado e outro da vida, e quando saí consegui ainda me juntar ao grupo que já tinha viajado para a Palestina, e recebi o visto para poder imigrar. E foi na hora H porque logo depois estavam fechadas todas as fronteiras, ninguém mais podia sair, sobretudo sem ter o visto. E daí aconteceu tudo o que aconteceu, inclusive com membros da minha família, meus parentes.

Nazismo e comunismo eram duas forças em competição na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. Capitalistas e conservadores temiam que os Comunistas assumissem o poder e não confiavam nos partidos sócio-democratas para lhes fazer frente. Depois de Mussolini assumir o poder na Itália em 1922 e destruir o movimento anarquista e comunista, o nazismo parecia uma opção realista. Historiadores dizem que o elemento racista e anti-semítico e anti-comunismo não existia antes de Hitler, que adotou este discurso para ganhar popularidade entre as massas, uma vez que esse preconceito já era popularmente comum (RATTNER, *REA*, n. 93, 2009).

Da Áustria ocupada aos kibutzim na Palestina

A vida da família Rattner, assim como a de outros tantos judeus austríacos, foi totalmente alterada a partir do momento em que ocorreu a anexação político-militar da Áustria. Esse acontecimento – conhecido como *Anschluss*, palavra que em alemão significa *conexão, afiliação ou adesão* – mudou totalmente o cotidiano da população austríaca. Apesar de o chanceler austríaco Kurt Schuschnigg ter tentado negociar uma trégua com Adolf Hitler em Berchtesgaden, no mês de fevereiro de 1938, o Exército alemão invadiu a Áustria em 12 de março. No dia seguinte, a Alemanha anunciou oficialmente a anexação da república austríaca rebaixada a uma província do *Terceiro Reich*. A França aprovou a anexação da Áustria que, assim, perdeu a sua soberania, posição somente restaurada após a Segunda Guerra Mundial.

A partir da anexação, a imagem vitoriosa de Adolf Hitler, austríaco de nascimento e defensor do pangermanismo, passou a dominar o imaginário daqueles que apoiavam a construção de uma nação modelada por uma única língua e etnia, livre de judeus, ciganos, comunistas e outros dissidentes. Até então, cerca de 73,6% da população da Áustria era composta de católicos, além de luteranos, judeus e cristãos ortodoxos, diversidade e coexistência que seriam lembradas com saudade por muitos austríacos defensores de uma nação livre. Por tradição herdada do Império Austro-Húngaro, a Áustria era, até então, uma nação multiétnica e multicultural. Em Viena e nas principais cidades austríacas, viviam pessoas que falavam diferentes línguas, como alemão, húngaro, tcheco, croata e iídiche, além de praticarem diferentes religiões. Mas desde 1934, após a insurreição de Linz que causou de mil a duas mil mortes, muitos sociais-democratas começaram a abandonar o país, optando pelo exílio, deixando espaço aberto para os nazistas criarem bases locais.

Hitler foi recebido em Viena com grandes comemorações e aplausos dos admiradores que lhe deram boas-vindas na sua terra natal. As políticas antissemitas encontraram na Áustria um solo fértil para proliferar. As leis antissemitas submeteram os judeus vienenses a situações humilhantes aplicadas pelo Estado. Na *Noite dos Cristais (Reichskristalnacht)*,



Hitler desfila pelas ruas de Viena após a anexação (*Anschluss*).

Viena, 15 de março de 1938. Bundesarchiv Bild.

Disponível em: <<http://www.skepticism.org/timeline/march-history/3631-adolf-hitler-enters-vienna-austria-to-cheering-crowds.html>>. Acesso em: 7 set. 2018.

em 9 de novembro de 1938, as sinagogas foram queimadas, e importantes centros da comunidade judaica vienense, destruídos. Em agosto, os Escritórios de Imigração Judaica (KZ Oberlanzerndorf Wien) foram criados e comandados por Adolf Eichman. Com a incorporação de 91 municipalidades, a área de Viena ampliou-se para 1.224 km², tornando-se a maior cidade do *Terceiro Reich*.



Hitler discursa na Heldemplatz após anexação da Áustria. Viena, 15 de março de 1938. Fonte: *The Pictorial History of the Holocaust*. Editado por Yitzhak Arad. Jerusalém: Yad Vashem, 1994, p. 49.



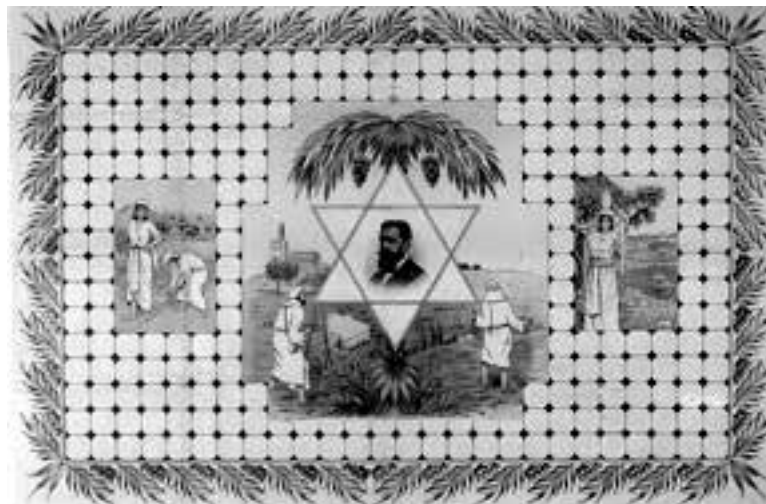
5. Judeus vienenses são forçados a lavar as calçadas pelos oficiais nazistas. Viena, março de 1938. Fonte: *The Pictorial History of the Holocaust*. Editado por Yitzhak Arad. Jerusalém: Yad Vashem, 1994, p. 50.



Pôster convoca os cidadãos austríacos a aprovar a anexação da Áustria pela Alemanha. Viena, 1938. Fonte: *The Pictorial History of the Holocaust*. Editado por Yitzhak Arad. Jerusalém: Yad Vashem, 1994, p. 49.



Pôster exalta a figura de Hitler após a *Anschluss*: *Ein Volk ein Reich ein Führer*. Viena, 13 de março de 1938. *Histořická Revue* 3/2018, str. 72-75. Disponível em: <www.historikarevue.com/clanok/anschluss_1938>. Acesso em: 7 set. 2018.



Propaganda sionista na Áustria, de autoria do artista vienense Jacques Schnabel. Viena, 1925. 95 x 63. The Gross Family Collection, Tel Aviv, Israel. Fonte: Catálogo da exposição *Blue and White Color: Visual Images of Zionism, 1897-1947*, por Rachel Arbel, Beth Hatefutsoth, outubro 1997, p. 60.

Henrique Rattner adoeceu a partir da entrada dos nazistas na Áustria, em 1938. Durante um mês e meio, ficou hospitalizado, entre um lado e outro da vida. Quando deixou o hospital, Henrique Rattner juntou-se a um grupo de amigos interessados em emigrar para a Palestina, uma das rotas possíveis para os jovens judeus sionistas, ainda que não fosse esse o desejo da maioria dos judeus austríacos que deixaram o país. Segundo relatos da comunidade judaica austríaca, 126.500 judeus deixaram aquela comunidade, e apenas 7% (9.195) buscaram refúgio na Palestina, como foi o caso de Rattner; 44% optaram por um país europeu; e outros 23% emigraram para a Europa Central e a do Sul.

Desde a anexação da Áustria pela Alemanha, emigrar para Eretz Israel exigia vencer uma série de barreiras, a começar pela obtenção do visto para deixar o país e, após o desembarque no porto de Haifa, sobreviver nas terras palestinas controladas pelos britânicos que detinham o mandato na região. Assim, Henrique Rattner conseguiu o visto na hora H, como ele mesmo disse:^{A B}

Foi na hora H porque logo depois estavam fechadas todas as fronteiras, ninguém mais podia sair, sobretudo sem ter o visto. E daí aconteceu tudo o que aconteceu, inclusive com membros da minha família, meus parentes. A vida lá no Kibutz foi uma experiência inédita, dificilmente imaginável. Eu tinha 15 anos, trabalhando no campo, dirigindo um trator, participando de discussões, aprendendo a história, a geografia e ao mesmo tempo mantendo o interesse pela política internacional.^C

O interesse em discussões políticas não ocorria com todos os meus companheiros. Não com todos, mas havia

A-Desde outubro de 1935, quando a Itália atacou a Abissínia, a população judaica da Palestina (*Yishuv*) enfrentava uma grave crise política e econômica, aumentando a taxa de desemprego. A revolta árabe, que eclodiu em abril de 1936, agravou ainda mais a situação de segurança da região, levando as autoridades britânicas a reduzir a entrada de imigrantes controlados por cotas anuais. Persistiam as dificuldades para obter fundos de emergência para a integração e criar empregos para milhares de novos refugiados, a maioria dos quais chegava à Palestina sem quaisquer posses ou bens. Somente após muitas críticas públicas, as lideranças do *Yishuv* e sionistas deram passos concretos para salvar os judeus austríacos. A Associação Austríaca de Novos Imigrantes (*Hitachdut Olei Austria*), por exemplo, reagiu aos acontecimentos na Áustria contatando várias instituições como a Agência Judaica (*Jewish Agency*) e a Juventude Aliyah (*Youth Aliyah*) para obter seu apoio para salvar judeus austríacos. Organizações estrangeiras, como o Conselho para os Judeus da Alemanha (*Council for German Jewry*), instaladas na Palestina sob o mandato britânico, mobilizaram fundos de ajuda por meio de campanhas em larga escala.

B-Central Office for the Settlement of Jews from Germany. Report rendered to the 21st Zionist Congress, Jerusalem, August 1939, p. 52 (apud DOUER, 1997, p. 49-53).

C-Segundo dados oficiais, entre março de 1938 e setembro de 1939, a imigração de austríacos para a Palestina foi de sete mil a oito mil pessoas. No entanto, contabilizando aqueles que entraram ilegalmente, temos um total de 11 mil a 12 mil pessoas. Os certificados de imigração para crianças e adolescentes com até 18 anos estavam liberados sem qualquer restrição.

um grupo que compartilhava as mesmas ideias, que eu chamaria de esquerdistas. Depois então veio a guerra. O que fazer durante a guerra? Você vai lutar do lado dos imperialistas, dos ingleses? Ou você vai ficar parado diante do avanço dos nazistas, o que a gente sabia que seria o fim?

Então era um desafio muito grande, adotar uma postura coerente comigo mesmo e perante os outros que faziam pressão para que eu me alistasse no exército inglês, que constituiu uma Brigada Auxiliar de combatentes. Mas eu consegui, através de uma série de empregos que eu procurei e em que fui aceito, trabalhar como mecânico em estaleiros para consertar navios que foram danificados nas batalhas marítimas; depois trabalhei nas oficinas do exército inglês para consertar tanques que também foram esvaçados pelos tanques do General Rommel lá no deserto da Líbia, e finalmente consegui me alistar na Marinha Mercante, com o objetivo de poder sair e estabelecer contatos pelo mundo afora.

Sempre pensando naquilo que viria a ser o mundo depois da guerra. Tentando imaginar de que forma se daria a chamada Revolução, a transformação da sociedade capitalista, uma sociedade irracional, que levava à guerra e a crises econômicas, numa sociedade socialista, igualitária, humanista. Mas obviamente eram mais questões do que eu podia responder. O importante era *ter* as questões naquela época. As respostas vieram aos poucos ao longo de toda a minha vida, e muitas outras respostas eu ainda continuo a procurar (RATTNER, *REA*, n. 93, 2009).

Um formulário de registro dos judeus austríacos comprova que o casal Baruch e Golde Rattner foi levado para um “local desconhecido” em 8 de outubro de 1938 e, em seguida, transferido para o campo de trânsito Schaffhausen na Suíça, vivendo constantemente sob o perigo iminente de expulsão. Apenas por circunstâncias afortunadas, a família escapou das ações de detenção e extermínio nazista. Durante a vida em Schaffhausen, o casal Rattner conheceu o psicólogo Friedrich Liebling, então com 35 anos, que também havia fugido da Áustria. O autodidata Liebling também era oriundo da Galícia e havia vivido como empresário em Viena. Como um sinal de sua renúncia ao judaísmo, Friedrich havia abandonado seu primeiro nome “Salomon”, passando a chamar-se Friedrich. Josef Rattner, após a emigração dos pais para o Brasil, foi “adotado” por Liebling, mudando-se para Zurique em 1950. Tornou-se psicólogo, filósofo e médico, bem como autor de várias obras nos campos da filosofia, pedagogia e psicoterapia. Ainda hoje vive, trata e ensina em Berlim,

sendo considerado um pioneiro da terapia em grupos. O irmão Leo Rattner também se formou em psicologia.^A

Na Palestina, no *kibutz* Tel Yossef, Henrique casou-se com Miriam Ben-Meir, uma das primeiras filhas do *kibutz*. Os pais dela, Naftali e Rachel Ben-Meir, tinham vindo da mesma região onde nasceram Golde e Baruch Rattner, mas optaram por um caminho diferente. Eles viviam na cidade de Sambor, do Império Austro-Húngaro – que atualmente tem o nome Sambir, na Ucrânia – a cerca de 15 quilômetros da fronteira atual da Polônia.

Havia uma diferença de origem social entre os pais de Henrique e Miriam. De uma camada mais empobrecida da população, Golde e Baruch tinham optado pelo centro mais próximo para escaparem ao clima de perseguição contra os judeus que reinava na Galícia após a Primeira Guerra Mundial. De um nível social mais alto – o pai de Naftali vendia carvão para cozinha e aquecimento das casas –, os pais de Miriam escolheram realizar a *Aliá* para a Palestina, ou seja, viver o sonho de construir um lar nacional judaico onde não seriam perseguidos e podiam ter a sua liberdade.

Eles estabeleceram-se no vale de Izreel, no norte do território que hoje é Israel. Ali ajudaram a construir o *kibutz* Tel Yossef, um dos primeiros a se estabelecer naquelas terras, compradas pelo Fundo Nacional Judaico (Keren Kayemeth LeIsrael) de grandes proprietários que viviam em Istambul.

Os terrenos pantanosos eram considerados como sendo de pouco valor, numa região onde proliferava a malária. Sem ter uma formação específica nessa área, Naftali conseguiu criar um meio de drenar os pântanos, no que acabou se

A-Josef Rattner graduou-se pela Universidade de Zurique com o estudo *A imagem do homem em filosofia de Martin Heidegger* e também em Medicina com a dissertação *A natureza da reação esquizofrênica*, base para o desenvolvimento da sua teoria sobre psicologia profunda. Em 1968, Josef foi para Berlim Ocidental onde fundou o Grupo de Trabalho para Psicologia Profunda, Dinâmica de Grupo e Terapia de Grupo e, no início dos anos 1970, implementou suas teorias de psicologia da profundidade e a terapia de grandes grupos reunidos em quartos alugados da Universidade Livre de Berlim. Mais tarde, adquiriu uma casa em Berlim-Charlottenburg, onde até 1994, realizou terapias e treinamentos acessíveis publicamente. Em 1976, fundou a revista *Aprender a viver juntos*, publicação especializada em psicologia profunda, educação de personalidade e pesquisa cultural. Entre 1986/1987 e 2012, publicou o *Anuário de compreensão da psicologia da análise de profundidade e cultura*. Desde 2011, Rattner publica gradualmente trabalhos selecionados em uma “edição de estudo” na Verlag für Tiefenpsychologie. Depois de uma doença em 1994, Rattner retirou-se da prática terapêutica, dedicando-se a escrever em parceria com Gerhard Danzer, médico de Berlim. A intenção de Rattner é transmitir ética humanista e encorajar as pessoas a pensar livremente sem a tutela religiosa e estatal, isto é, transformar *Homo insipiens* em *Homo sapiens*.

tornando uma das áreas mais férteis da Palestina. Há próximo do *kibutz* Tel Yossef um tanque de criação de peixes que recebeu o seu nome.

Diante do risco de malária, Rachel foi ter a sua filha em Tel Aviv, no ano de 1924. Durante os primeiros anos de vida, Miriam não podia acompanhar os pais, ficando confinada nas regiões mais altas do *kibutz*, em que havia menores riscos de contrair malária.

Com a ascensão de Hitler e o aumento do antissemitismo na Europa, Rachel tomou uma opção: saiu do *kibutz* para trabalhar e ganhar dinheiro com o objetivo de levar o pai para Israel. Os *kibutzim* em geral – e particularmente Tel Yossef – não pagavam aos seus membros e tinham muito poucos recursos. Todo o dinheiro do *kibutz*, um projeto de produção agrícola socialista, era contado.

Rachel conseguiu levar o pai, Abraham Schulberg, para a Palestina, e ele ficou pelo resto dos seus dias em Tel Yossef. Não foi uma adaptação fácil. Além de um clima muito mais quente do que o da Europa Oriental, ele era extremamente religioso e tinha dificuldades em conviver com um ambiente que tendia para retirar a religião do centro da vida da comunidade.

Desafios pós-guerra e pós-Holocausto

O primeiro desafio era conhecer mais e melhor. Portanto, percebi a minha inadequação, deficiência do ponto de vista de poder elaborar explicações mais sólidas. Daí a minha procura e a minha preocupação em estudar. Eu tinha parado de estudar com 14 anos e no fim da Guerra em 1946 eu tinha 21. Já estava casado, com um filho, mas ainda assim tinha a ideia de voltar a estudar, esta não me abandonou nunca.

Consegui porque meus pais que se tinham refugiado na Suíça me conseguiram um visto de turista e eu fui em 1946 para a Suíça visitá-los, pensando que ia conseguir ficar lá e estudar como os meus dois irmãos menores que tinham estudado no Instituto de Psicologia. Não foi possível, eles não quiseram me dar o visto, eu continuei minha viagem para Paris, tentando encontrar emprego. Não consegui, porque estava tudo destruído, continuei para Bruxelas, e lá consegui um emprego. Por dois anos trabalhei por lá, sempre com a ideia: como ia entrar para uma escola superior?

A oportunidade apareceu no Instituto de Ensino Superior, *Institut des Hautes Études de Belgique*. Tinha um departamento que se chamava Escola de Ergologia, Seleção e orientação profissional, estes eram os cursos que a Escola oferecia. Mas como entrar se eu não tinha documentos do segundo ciclo? Eles ofereciam a oportunidade de prestar um exame de maturidade. Eu prestei.

Meu francês era ainda meio claudicante, mas prestei e fui aprovado. Cursei e terminei o Curso de Psicologia Aplicada à Seleção e Orientação Profissional. O primeiro passo. Mas não me satisfiz no sentido do *mundo*, porque a Psicologia trata dos indivíduos e eu sempre pensei que o principal problema era como conduzir as massas, a população, os trabalhadores, enfim, movimentos sociais. Como fazer esta transição? (RATTNER, *REA*, n. 93, 2009).

Em transição para o Brasil

Baruch e Golde desembarcaram no Brasil em 12 de dezembro de 1946, viajando a bordo do navio Formose, indo residir em S. Paulo, na Rua Suécia nº 265. Conforme anotado nas fichas consulares de qualificação do casal, o visto foi liberado pelo consulado-geral do Brasil em Zurique, em 6 de setembro de 1946, em caráter permanente (Decreto nº 7.967/45), como apátridas, procedentes de Schaffhausen. O casal permaneceu no Brasil onde acompanhou o crescimento de um dos segmentos da família representada por Henrique Rattner.

Henrique, com a esposa Miriam Ben-Meir e o filho Josef, de 7 anos, juntou-se aos seus pais Golde e Baruch. Dessa vez, os vistos foram concedidos pelo consulado-geral da Antuérpia em 29 de maio de 1951. Desembarcaram no porto de Santos em 15 de agosto de 1951, viajando a bordo do navio Lavoisier.

Na Bélgica, eu não teria tido muita oportunidade de progredir porque estava preso a este tema, a este Diploma de Psicologia. Meus pais, nesse meio tempo, tinham emigrado para o Brasil e insistiram que também fôssemos, para ajudá-los. E decidimos também emigrar para o Brasil. Chegamos em 1951, para uma adaptação, aculturação, porque eu tinha nascido na língua alemã, tinha aprendido a língua hebraica na Palestina, tinha aprendido a língua inglesa na Marinha Mercante, e agora depois de aprender o francês na Bélgica, ao chegar ao Brasil tinha que aprender o português. Eu tenho facilidade para línguas até hoje e não me arrependo, mas foi uma luta, porque você tem que construir não só as palavras, mas

Heinrich Rattner

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 62314

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Delegação no porto de destino.

Nome por extenso: **Baruch Rattner**
Admitido em território nacional em caráter: **permanente**

Nota sobre o art. 9º letra "a" do dec. n.º 7.957, de 1945

Lugar e data de nascimento: **HAMBURG/Polonia/ 10/7/1908**

Nacionalidade: **apátrida** Estado civil: **casado**

Filiação (nome do Pai e da Mãe): **Pai: MOSES RATTNER, Mãe: MIRIAM RATTNER**

Profissão: **Engenheiro mecânico**

Residência no país de origem: **Schaffhausen/Suíça**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Carteira de identificação n.º 222 expedida pela autoridade de Civ. de Polícia do Consulado de Zurique, Suíça, em 26 de julho de 1948

Passaporte n.º [blank] expedido sob n.º 222 em Zurich, Suíça, em 6 de setembro de 1951

Assinatura do portador: *Baruch Rattner*

Assinatura do Consul: *Raul Bopp*

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 62353

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Delegação no porto de destino.

Nome por extenso: **Golde Rattner**
Admitido em território nacional em caráter: **permanente**

Nota sobre o art. 9º letra "a" do dec. n.º 7.957, de 1945

Lugar e data de nascimento: **Lemberg/Polonia/ 5/6/1908**

Nacionalidade: **apátrida** Estado civil: **casada**

Filiação (nome do Pai e da Mãe): **Pai: MOSES RATTNER, Mãe: MIRIAM RATTNER**

Profissão: **Dona de casa**

Residência no país de origem: **Schaffhausen/Suíça**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Carteira de identificação n.º 222 expedida pela autoridade de Civ. de Polícia do Consulado de Zurique, Suíça, em 26 de julho de 1948

Passaporte n.º [blank] expedido sob n.º 222 em Zurich, Suíça, em 6 de setembro de 1951

Assinatura do portador: *Golde Rattner*

Assinatura do Consul: *Raul Bopp*

Fichas consulares de Baruch e Golde Rattner, na condição de apátridas, emitidas pelo consulado-geral do Brasil em Zurique, em 6 de setembro de 1951. Acervo: Arquivo Nacional/RJ.

toda uma visão do Cosmo, baseada numa determinada língua, história, cultura, tradições. Mas me agradou. Eu penso que cresci através destas provações.

Aqui no Brasil, para poder sobreviver com a família, não podia trabalhar como mecânico. Porque o salário que me ofereciam, apesar de ser maior que o salário médio do brasileiro, porque eu era um especialista em motores diesel, não daria para pagar o aluguel, sem falar do resto. Então eu fui procurar emprego como professor de hebraico. Eu não tinha formação pedagógica, mas tinha jeito para ensinar. Havia falta de professores, e o hebraico eu dominava mais do que razoavelmente. Fui contratado. E ganhava com as aulas de hebraico 5 ou 6 vezes do que teria ganho como operário. E também me dava a oportunidade de conhecer outras pessoas, entrar em outros círculos, ser convidado para uma série de tarefas, o que de

LAVOISIER REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. NÚMERO DE IN. 180460
 P 101 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino.

Nome por extenso: **Heinrich RATTNER**
 Admitido em território nacional em caráter: **permanente**

Nas termos do art. 9.º letra **aaa** do dec. n. 7.967, de 1948
 Lugar e data de nascimento: **Vienna 5.º fev. 1921**
 Nacionalidade: **austriaca** Estado civil: **casado**
 Filiação (nome do Pai e da Mãe): **Barouch e Golda Frimer**
 Profissão: **mecânico**
 Residência no país de origem: **Bruxelas**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS:

Passaporte n.º **1178/49** expedido pelas autoridades de **Legação de**
Austria-Bruxelas na data **23-2-49** vindo sob n.º **406**, autorizado **CT 119, 10-4-51, Exteriores** **Antuérpia**
 29 de maio de 1951.

PELO CONSUL GERAL DO BRASIL
 ANTONIO DE OLIVEIRA MARRAS
 CONSUL, ANTUÉRPIA



LAVOISIER REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. NÚMERO DE IN. 178927
 P 102/103 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino.

Nome por extenso: **Miriam BEN-MEIR-RATTNER**
 Admitido em território nacional em caráter: **permanente**

Nas termos do art. 9.º letra **aaa** do dec. n. 7.967, de 1948
 Lugar e data de nascimento: **Tel-Aviv 2.º agosto 1924**
 Nacionalidade: **austriaca** Estado civil: **casada**
 Filiação (nome do Pai e da Mãe): **Naftali Ben-Meir e Rachel Schulberg**
 Profissão: **sem**
 Residência no país de origem: **Bruxelas**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS:
Joseph 7 anos filho

Passaporte n.º **21651/50** expedido pelas autoridades de **Legação de**
Austria-Bruxelas na data **18-7-50** vindo sob n.º **407**, autorizado **CT 119, 10-4-51, Exteriores** **Antuérpia**
 29 de maio de 1951.

PELO CONSUL GERAL DO BRASIL
 ANTONIO DE OLIVEIRA MARRAS
 CONSUL, ANTUÉRPIA



Fichas consulares de Henrique e Miriam Ben-Meir Rattner, que chegaram acompanhados do filho Josef, emitidas pelo consulado-geral do Brasil em Antuérpia, em 29 de maio de 1951. Acervo: Arquivo Nacional/RJ.

certa forma era um progresso na carreira. Então me sentia muito à vontade (RATTNER, REA, n. 93, 2009).

A irmã Sophie também veio para o Brasil em 1946, radicando-se em S. Paulo. Era casada com Paulo Barth, filho de Josef e Sidonie Barth. O filho do casal chama-se Peter Barth. Em 1955, Leo, também filho do casal Baruch e Golde Rattner, veio ao Brasil com a esposa, com visto temporário, mas não permaneceu por aqui. Formado em psicologia, assim como Josef, foi “adotado” por Liebling, atuando como presidente de uma entidade internacional de psicologia nos Estados Unidos. O filho Peter Barth é psicólogo, tem uma



Josef Rattner, irmão mais novo de Henrique Rattner, durante palestra na Alpen-Adria-Universität Klagenfurt. Klagenfurt, Wien Graz, 23 de novembro de 2015. Foto: aau/Puch. Disponível em: < <https://www.aau.at/en/rattner-4/>>. Acesso em: 8 set. 2018.

filha, Melissa, e reside em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, somando-se ao círculo dos renomados psicólogos da família Rattner. Paulo e Sophie Barth também tiveram uma filha, Rosalinda Barth, que hoje vive em Miami.

Construindo novos lares

Em agosto de 1955, o casal Rattner assumiu o Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista (CIP), dirigido por Annemarie Werner ao lado de Liesel Berg desde dezembro de 1949.^A A maioria das crianças acolhidas no Lar das Crianças aportaram no Brasil em companhia dos seus familiares e, por

A-No dia 4 de outubro de 1936, em reunião na residência do casal Lorch, foi decidida a criação da Congregação Israelita Paulista (CIP). Além de Ludwig e Luiza Lorch, estavam presentes: Guilherme F. Krausz, rabino Fritz Pinkuss, Theodor Rothschild, Leo Sideman, Salo Wissmann, Frederico Zausmer, Mme. Silvain Levy, Hans Hamburger, Robert Salomon, Albert Stahl e Ernst Wachtel: “A princípio, os esforços da CIP estavam voltados para beneficência e auxílio aos refugiados judeus alemães, razão que a define como instituição direcionada para a mobilização política, visto que o grupo fundador se projetou como um grupo de resistência ao nazifascismo. A entidade tinha a finalidade de garantir a prática dos cultos religiosos israelitas, a assistência social e o auxílio aos recém-chegados, especialmente nas questões de sua rápida assimilação, sua radicação no país, etc. Os primeiros dois pontos do programa de atividades dispensam esclarecimentos” (“O QUE É A CIP”, 1939, p. 1).

força maior das leis totalitárias antisemitas, haviam perdido parte da infância. Se conseguiram escapar com vida foi graças à sensibilidade dos pais que, após terem perdido cargos, bens e direitos na Alemanha, mostraram-se aterrorizados com a possibilidade de serem presos e levados para os guetos e campos de concentração. Suas vidas estavam em perigo por conta das ações dos nazistas que tinham a liberdade para agir. Hoje sabemos que a experiência do mal e a irracionalidade do nazismo não pouparam da morte de aproximadamente 1,5 milhão de crianças de distintas nacionalidades, que morreram nos guetos ou nos campos de concentração espalhados pela Europa ocupada pela Alemanha.

Sob esse prisma, os idealizadores da CIP criaram uma estrutura básica que garantisse uma infância feliz para essas crianças cujos pais estavam radicados em S. Paulo. A partir de 1937, uma casa na Rua Barão de Piracicaba passou a abrigar o Lar das Crianças com o objetivo de ajudar na adaptação dos filhos daqueles que trabalhavam o dia inteiro. Sua primeira sede ficava na Rua Barão de Piracicaba nº 670, nos Campos Elíseos, liderada voluntariamente por Lotte Hamburger e Ida Hoffman e com Liesel Berg na direção profissional. O lar foi constituído por meio da ação do setor feminino. Inicialmente, esse novo lar/escola abrigou 17 crianças por dia e outras 19 internas, que ali recebiam aulas de português e religião, assistência pedagógica, médica e religiosa, além de alimentação. Em 1949, a entidade



Lar das Crianças da CIP, antes da gestão de Henrique e Miriam Rattner. S. Paulo, 1942. Fotografia: Hans Günther Flieg. Acervo: Flieg/SP; Arqshoah/Leer-USP.

mudou-se para uma sede maior no Alto da Boa Vista. Até hoje, o Lar das Crianças da CIP “mantém sua missão de acolher, estimular e aprimorar o processo sócio-educativo de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade. Atualmente são 360 atendidos que frequentam o Lar no contraturno escolar dos quatro anos de idade até seu encaminhamento profissional” (CARNEIRO, 2018; HIRSCHBERG, 1976).

Henrique e Miriam Rattner traziam consigo uma fértil bagagem política e cultural que serviu para moldar a juventude cipiana. Em meio aos conflitos ideológicos e à falta de consenso que agitavam o cotidiano dos diretores da CIP, o casal conseguiu implementar novas propostas, apesar do acentuado individualismo de alguns poucos. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, forças desagregadoras desequilibravam o consenso que, até então, havia mantido aquela coletividade unida. Em 30 de junho de 1967, Rattner deixou a diretoria do Lar das Crianças, sendo substituído por Peter Widmann. A seguir, apresenta-se o relato dessa experiência humana que resultou em um importante legado para as comunidades judaica e brasileira como um todo:

Fui nesta época convidado para dirigir uma colônia de férias de 100 crianças, de diferentes escolas. Dei conta muito bem do recado, porque as mães que vinham visitar a colônia para ver como estava tudo, se os filhos não choravam, ficavam encantadas. Havia lá duas senhoras que eram diretoras de uma instituição que se chama Lar das Crianças, uma casa para crianças órfãs e semi-órfãs, ou em situação precária porque os pais se separavam, enfim, as senhoras me convidaram para ser diretor desta Casa. Um outro salto, mas ainda na área da educação. Foi muito boa esta experiência humana com essas crianças sofridas, porque cada uma queria a atenção do “pai” substituto, que eu na melhor das possibilidades tentei ser. A tal ponto que até meus filhos dizem que eu sempre tive mais tempo para os outros “filhos” do que para eles.

O Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista foi fundado em 1937. Atende a crianças, jovens e famílias em situação de vulnerabilidade, seja pela carência emocional, social, econômica e pedagógica no período diurno e todas retornam para suas casas no final do dia/ou econômica. Atualmente, atende cerca de 250 crianças e jovens a partir dos 3 anos de idade até o seu encaminhamento profissional. As crianças recebem alimentação, assistência médica, odontológica, psicológica, fonoaudiológica. Outra coisa que foi muito favorável nesta experiência era que de manhã as crianças iam para a escola. Elas estudavam fora da instituição, em escolas públicas, porque tinham que conhecer a vida em sociedade. Esta parte

da manhã eu podia aproveitar para estudar. Eu queria entrar na faculdade. Uma das minhas alunas de Hebraico, no curso noturno, era já assistente na Faculdade de Filosofia da USP, e ela arranjou um encontro com o Florestan Fernandes. E conversando com o Florestan sobre o que me interessava, quais os autores que eu tinha lido. Falei de Erich Fromm... Bom, ele disse, vamos ver o que dá para fazer. Mas afinal para entrar na Faculdade precisava também ter o certificado de conclusão do segundo ciclo, e eu não tinha.

No Ministério da Educação me diziam então você vai e faz o “colegial”. Eu já tinha na época 28 anos e não ia sentar no banco para fazer o colegial. Daí o Florestan foi comigo para a Secretaria da Faculdade de Filosofia e procurando nos estatutos da Faculdade, encontraram lá que havia a possibilidade de admissão ao vestibular quando o candidato “demonstrar notório saber”. Mas este “notório saber”, em que consistia? Elaborar uma monografia. Eu então elaborei uma monografia com o meu Português ainda em desenvolvimento, mas o tema era um tema próximo meu, e era sobre as condições de vida do trabalhador na indústria pesada. Esta monografia foi submetida a uma banca, fui aprovado, prestei o vestibular, e entrei em primeiro lugar nas Ciências Sociais. Então eu trabalhava até as 6 da noite, corria para pegar o bonde ou o ônibus, porque o Lar das Crianças ficava no Alto da Boa Vista, em Santo Amaro. 15 quilômetros. Lá, quando chegava na parada, tinha uma escada de 132 degraus. E eu subia correndo para chegar às 7 horas, quando começavam as aulas, porque o professor Antonio Cândido, que era meu professor de Sociologia, não gostava quando a gente atrasava.

A Faculdade de Filosofia (hoje Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) da USP nasce em 1934, como pólo centralizador das atividades da recém-criada Universidade de S. Paulo e torna-se um núcleo de pesquisadores brasileiros em diversas áreas do conhecimento. Nos anos 60 foi foco de um intenso movimento estudantil e intelectual de oposição ao regime militar instalado em 1964.

Eu trabalhava o dia todo, à noite estudava e nos fins de semana tinha que fazer as leituras e os trabalhos que o curso exigia, porque as Ciências Sociais eram um curso muito puxado. Eu tinha um nome a defender porque tinha entrado em primeiro lugar, na frente de cabeças brilhantes que hoje são intelectuais de primeira grandeza: Roberto Schwartz, Michael Loewy, grande politólogo, então eu não podia fazer feio. Quatro anos depois, concluí o curso.

Quando terminei o curso, emendei imediatamente para elaborar a monografia de mestrado. Um pouco antes de terminar a monografia, fui convidado pela Fundação Getúlio Vargas para trabalhar como pesquisador no Centro de Pesquisas. Um pouco depois, me pediram que desse o

Heinrich Rattner

curso de introdução à Sociologia, e um ano depois me convidaram para dar aulas na Faculdade de Filosofia no Curso de Economia Política. Como consegui manter tantos empregos ao mesmo tempo? Não sei. Pela manhã trabalhava na FGV, à noite dava aulas e à tarde me dedicava ao Lar das Crianças. Isto foi entre 1963 e 67 (RATTNER, *REA*, n. 93, 2009).

O legado de um artífice para um mundo melhor



Lar das Crianças da CIP, exemplo de coexistência, liberdade e solidariedade.
Gestão do casal Henrique e Miriam Rattner: de 1955 até 1967, quando foi contratado o casal Peter e Raquel Widmann. Acervo: Família Rattner/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Tempos de ditadura

Em abril de 1964, eu fui assinar o contrato de professor de Economia Política. Claro, na Faculdade a gente sentia de imediato o clima pesado. Houve uma noite em que cercaram todo o Campus da USP, tiraram os documentos de todos na Faculdade e nos retiveram para isto e aquilo até as 4 da madrugada. Entre os ilustres colegas estavam o Sérgio Buarque de Holanda, o Florestan Fernandes, porque era a primeira entrada dos militares no Campus. Outras se seguiriam.

Eu estava muito envolvido nos trabalhos acadêmicos do mestrado, que estava terminando, quando eu entrei como docente na Filosofia, em 1964. Meu trabalho era sobre as disparidades regionais, era isso que me atraía. As disparidades entre S. Paulo desenvolvida e o Nordeste pobre.

Fundada em 1944, a Fundação Getúlio Vargas preparava pessoal qualificado para a administração pública e privada. Mais tarde, expandiu seu foco de atuação ao campo das ciências sociais, e também da pesquisa e da informação. Hoje é centro de qualidade e de excelência. A partir daí começa mesmo o meu interesse pela sociedade brasileira e seus problemas. Que eu tentei pensar nestas várias décadas de trabalhos, começando pela questão econômica. Atrasos pela falta de investimento, falta de capitais e de infra-estrutura. Enfim, esta era a visão que prendia a minha atenção e que exigia uma elaboração que eu achei que devia procurar nas outras áreas de conhecimento: a sociologia política, a antropologia. Mas eu já estava trabalhando no tema do meu doutorado, que era sobre concentração industrial em S. Paulo e uma continuação deste tema de disparidades, e que depois foi publicado em livro pela FGV.

Em 1968 defendi minha tese e virei doutor, um progresso razoável desde que havia chegado ao Brasil. Mas comecei a perceber que não estava dando conta do recado. O Lar das Crianças, a Getúlio Vargas, o Centro de Pesquisas, os cursos da USP, e eu tinha uma certa ambição de publicar também, e daí resolvi me afastar do Lar das Crianças. Achei que já não cabiam tantas tarefas na mesma pessoa e eu queria seguir a minha ambição, a minha vontade de ampliar meus horizontes.

Isto eu consegui porque fui convidado a ser professor num curso de preparação da AUI – Associação Universitária Interamericana. Esta instituição levava bolsistas para os Estados Unidos e eu dava os cursos preparatórios aqui em S. Paulo. Lá em Harvard eu fazia a transliteração do que dizia o David Riesman, o Henry Kissinger, e outras estrelas de primeira grandeza,

discutindo com os estudantes. A AUI foi criada por Mildred Sage e Patricia Bildner em 1962 visando identificar futuros líderes políticos, sociais e empresariais no Brasil e complementar a sua formação com uma visão da sociedade americana. A formação começava com um curso de 3 meses na Escola de Sociologia e Política de S. Paulo e terminava com um curso em Harvard, nos Estados Unidos.

Para tratar dos meus temas, a urbanização, a industrialização, as desigualdades regionais, não senti uma opressão direta. Claro que depois, em 1969, quando as coisas ficaram mais difíceis, tinha na minha classe estudantes que vinham me advertir: olha, toma cuidado com o que você diz porque tem aqui vários informantes do DOPS aqui. Mas eu achei que as coisas que eu estava dizendo eram tão concretas, tão reais, que dificilmente eles poderiam encontrar como me pegar. O que não quer dizer que depois não me pegaram.

Eu fui três vezes para a *Harvard Summer School*, e já havia recebido vários convites para falar em conferências, congressos, seminários aqui no Brasil e lá fora. Eu então começava a construir um cenário mais amplo para as minhas atividades, para as minhas “falas”, as minhas reflexões.

No último ano em que acompanhei a turma para a Harvard Summer School, em 1970, eu estabeleci contato no MIT (Massachusetts Institute of Technology) e consegui lá uma bolsa de um ano para estudos de pós-doutorado. Eu estudei planejamento urbano regional. Eu depois trouxe para cá os conhecimentos da organização, os conhecimentos das pessoas capazes de pensar as cidades não como o “caos”, mas como algo que poderia ser ordenado, planejado, um conceito que ainda não existia no Brasil. Por isto tive facilidade de obter a bolsa.

Realmente estudei, embora ninguém me obrigasse. As condições eram: você faz o que quer, estuda, pesquisa, e uma vez a cada dois ou três meses faz uma palestra para seus colegas, que neste caso eram 15, outros bolsistas de outros países, inclusive o Milton Santos, que foi meu colega, e que ficou amigo desde então. DOPS significa Departamento de Ordem Política e Social, criado para manter o controle do cidadão e vigiar as manifestações políticas durante o regime militar pós-64. O DOPS perseguia, acima de tudo, as atividades intelectuais, sociais, políticas e partidárias de cunho alegadamente comunista (RATTNER, *REA*, n. 93, 2009).

Imagens do controle produzidas pelo Deops/SP e RJ



Ato de protesto da sociedade civil pela libertação dos presos políticos e contra a ditadura militar, realizado na Praça da Sé, em S. Paulo, na década de 1970. Fotografia: Deops/SP. Dossiê 50-C-22-27/0. Acervo: Apesp/SP; Proin/Leer-USP.



Ato de protesto da sociedade civil pela libertação dos presos políticos e contra a ditadura militar. Rio de Janeiro, década de 1970. Fotografia: Deops/SP. Dossiê 50-C-22-(19)77. Acervo: Apesp/SP; Proin/Leer-USP.

Henrique Rattner, um “construtor de pontes”

In memoriam

Henrique Rattner, vienense, veio para o Brasil em 1951 quando aqui já se encontravam seus pais Baruch e Golde Rattner, refugiados desde 1946. Infelizmente, a equipe do projeto Arqshoah/Leer-USP não teve a oportunidade de entrevistá-lo pessoalmente para gravar sua história, repleta de ensinamentos e experiências de vida. Como pesquisadores do antissemitismo, chegamos a compartilhar nossas ideias e preocupações com o professor Rattner em eventos do Centro de Estudos Judaicos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo (USP) e em colóquios realizados em Portugal, sendo um deles sobre Inquisição, coordenado pela professora doutora Anita Novinsky, sua grande e especial amiga.

Por não dispormos do testemunho direto gravado pela equipe Arqshoah, transcrevemos aqui, com destaque, algumas passagens da entrevista concedida à jornalista Valéria Salles em 1º de maio de 2008. Uma forma de dar voz, *in memoriam*, a esse importante educador, que sempre defendeu uma forma especial de ver e pensar o mundo diante da diversidade e da coexistência.

Henrique Rattner carregou consigo a experiência de um jovem que havia crescido na “Viena Vermelha” durante a Primeira República da Áustria (1919-1938) e sobrevivido ao mundo sombrio da violência nazista e dos tempos pós-Holocausto. Sua formação como educador tem raízes nessa sua vivência de jovem idealista que estudou nas escolas públicas de Viena, modeladas pelo ideário do socialismo municipal. Até o momento em que o nazismo chegou e estilhaçou a vida dos judeus, queimou livros e destruiu sinagogas. Foi com o sentimento de jovem judeu liberal que observou o confronto entre nazismo, comunismo e socialismo, cujos ideários, assim como ele sionista, vislumbravam uma revolução social. Sob o impacto da ocupação da Áustria pela Alemanha, Rattner procurou entender esse mundo ocupado, enfrentou seus desafios e procurou ser coerente com seus princípios. Abriu e fechou várias portas, passando de aprendiz de sapateiro a mecânico em estaleiros. Tornou-se escoteiro do Movimento Juvenil em Viena e leitor de livros militaristas e antiguerra.

Como milhares de judeus europeus, teve seus estudos interrompidos com 14 anos e, um ano depois, partiu para a Palestina movido pelas utopias que mobilizavam os sionistas e floresciam nos *kibutzim*. Experimentou o sionismo trabalhista vivenciado em uma forma única de coletividade comunitária, que combinava o socialismo e o sionismo. Viveu a utopia do sionismo aplicado como alternativa para um mundo melhor. Trabalhou nas terras prometidas que, um dia, serviriam (serviriam ou seriam?) o Estado de Israel, discutindo política, história, geografia, economia e educação. Assimilou o perfil de um autêntico judeu na Diáspora, características importantes na formação de líderes intelectuais, político, educadores e militares.

Iluminado por seus ideais de jovem revolucionário, alistou-se na Marinha Mercante inglesa durante a Segunda Guerra Mundial e, entre mares e ondas, navegou em busca daquela revolução social prometida durante a República da Áustria. Vai ser difícil, questionou Rattner em uma das suas entrevistas: “de que forma se daria a chamada Revolução, a transformação da sociedade capitalista, uma sociedade irracional, que levava à guerra e a crises econômicas, numa sociedade socialista, igualitária, humanista”.

Sua formação adicional foi conquistada no Institut des Hautes Études de Belgique, onde concluiu o curso de Psicologia Aplicada à Seleção e Orientação Profissional. Casado com Miriam e com um filho, tentava pensar soluções pacifistas para aquele mundo livre pós-Holocausto, dilacerado pela opressão e violência totalitárias. Estava nesse estágio da sua existência de jovem sonhador quando resolveu atender ao convite dos pais e emigrar para o Brasil. Até então dominava o alemão, inglês, hebraico e francês. Durante o período de adaptação em S. Paulo, investiu seu tempo ensinando hebraico até o momento em que foi convidado para dirigir uma colônia de férias de 100 crianças, de diferentes escolas. Seu pequeno mundo de jovem imigrante em um país estranho abriu-se para uma espetacular experiência humana: ser o diretor dessa casa de “crianças órfãs e semi-órfãs, ou em situação precária porque os pais se separavam [...]”, convidado por duas senhoras do Lar das Crianças da CIP. Segundo Rattner, ele tornou-se o “pai substituto” dessas crianças sofridas que dividiam seus estudos entre a CIP e as escolas públicas, e a esposa Miriam era a “mãe substituta”.

Henrique Rattner, incentivado por Florestan Fernandes, ingressou no curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia (hoje Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas)

da USP, por seu notório saber. Assim conviveu com ilustres intelectuais, como Antonio Candido, Roberto Schwartz, Michael Loewy, Sérgio Buarque de Holanda, Milton Santos, Dalmo Dalari, Paul Singer, entre outros. Entre 1964 e 1967, trabalhava na Fundação Getulio Vargas como professor de Economia Política, à noite dava aulas e à tarde se dedicava ao Lar das Crianças onde se tornou um artífice visando a um mundo melhor para as suas crianças. Coerente com seus ideais, conseguiu aplicar seu ecletismo – como educador, psicólogo, economista e sociólogo – em prol dos direitos humanos.

Sua consciência sobre a importância da educação como base para melhores oportunidades na vida das crianças sempre o acompanhou, mesmo tendo escolhido a carreira universitária. Além de diretor do Lar das Crianças da CIP (1955-1967), foi diretor técnico (voluntário) do Centro Israelita de Assistência ao Menor (Ciam)^A; presidente por dois mandatos (1998-2002) da Associação Janusz Korczak do Brasil (AJKB); e já aposentado, a partir dos anos 1990, tornou-se conselheiro do Projeto Anchieta, hoje Instituto Anchieta do Grajaú, na zona sul de S. Paulo, que atende cerca de 600 crianças, adolescentes e jovens, assim como as suas famílias.

Henrique Rattner publicou cerca de 25 livros e mais de 200 artigos em revistas e jornais nas áreas de política científica e tecnologia, economia e sustentabilidade. Ele mesmo dizia, “sempre procuro construir pontes entre a cultura científica e as humanidades, exercendo a transdisciplinaridade com naturalidade e eficácia”.^B

A-O Ciam foi fundado em 23 de março de 1959, por iniciativa de Henrique Rattner, diretor do Lar das Crianças da CIP, juntamente com a mobilização e articulação de entidades e profissionais da comunidade judaica de S. Paulo, que perceberam a necessidade de uma instituição que pudesse atender, de forma apropriada, crianças e jovens considerados “excepcionais”. A fundação oficial do Ciam deu-se na residência de Jacob Ganc. Na solenidade, os membros do conselho receberam de Marjan Fromer a doação da propriedade, na Rua Irmã Pia, onde funciona até hoje a unidade do Jaguaré. Formaram-se duas unidades: uma no Jaguaré e outra em Franco da Rocha, denominada Aldeia da Esperança, com uma diretoria voluntária extremamente dedicada e ativa, reunida semanalmente. As duas unidades mantêm um programa de moradia para cerca de 45 residentes, segundo um modelo de residência assistida criado em Israel.

B-Eis alguns livros de autoria de Henrique Rattner: *Tradição e mudança: a comunidade judaica em S. Paulo*. S. Paulo: Ática, 1977; *Planejamento e bem-estar social*. S. Paulo: Perspectiva, 1979; *Tecnologia e sociedade*. S. Paulo: Brasiliense, 1980; *Política industrial: projeto social*. S. Paulo: Brasiliense, 1988; *Liderança para uma sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Nobel, 1999; *Resgate da utopia*. S. Paulo: Palas Athenas, 2005; *Israel e a paz no Oriente Médio: uma luz no fim do túnel?* S. Paulo: Nobel, 2008.

Henrique destacou-se por seu pensamento crítico, por seu rigor analítico e coerência de ideias, procurando fazer crítica social e econômica com objetividade e sem incorrer em prolixidades e intermináveis digressões.

Em suas obras sobre planejamento, sempre enfatizou a necessidade inadiável de abrir vias de comunicação e de participação cultural e política da população, a fim de que seus problemas existenciais recebessem soluções adequadas. Olhou para todos os lados, passando também pelo Estado de Israel e por seu povo historicamente perseguido e massacrado. Sempre colocou como desafio a questão de paz em um Estado onde a população divide-se entre judeus e muçulmanos, sendo a paz questionada como “uma possível luz no final do túnel?”.

Nossas homenagens póstumas ao Prof. Dr. Henrique Rattner que, anos mais tarde, tornou-se um dos grandes incentivadores do Centro de Estudos Judaicos da USP, ao lado de Rifka Berezin, Jacob Guinsburg e Anita Novinsky. Rattner faleceu em 8 de junho de 2011, em S. Paulo, aos 88 anos, deixando uma vasta obra nas áreas de ciências sociais, história, economia e planejamento urbano. Seus pais, Golde e Baruch Rattner, faleceram em 21 de novembro de 1989 e 25 de novembro de 1955, respectivamente. Sophie, sua irmã, faleceu em 8 de junho de 2017, e o esposo dela, Paulo Barth, em 18 de outubro de 2003. Os Rattner estão sepultados no Cemitério Israelita do Butantã.

Nossas homenagens também a Miriam Rattner, que faleceu em 9 de agosto de 2018, em Jerusalém, tendo sido enterrada em seu *kibutz* de origem, Tel Yossef. Miriam Rattner, já com quatro filhos, terminou o colegial e ingressou na USP, onde estudou Letras Hebraicas. Depois de formada, lecionou hebraico e *Tanach* (Bíblia) na escola da Hebraica para filhos de israelenses, assim como na Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo. Depois do falecimento do esposo, voltou à sua terra natal.

A família Rattner está representada no Brasil por sua filha Daphne (de 1952), que é médica e professora na Universidade de Brasília. Josef Rattner (de 1943), o filho mais velho, é analista de sistemas e vive em Jerusalém, em Israel. Casado com Drora Rattner, tem quatro filhos, sendo Ariel e Yoav Moshe de seu casamento com Naomi Gal, e Galia Rachel e Ehud Yehuda da atual esposa, assim como nove netos. Beni Baruch Rattner (de 1957), *personal trainer*, vive em Gotemburgo, na Suécia. É casado com Susanne Sonnenfeld, com

Heinrich Rattner

quem tem o filho Julian. Também tem quatro filhos de seu casamento com Lena: Natanael, Melody, Joy e Isac, e seis netos. E o mais novo, Jair Norberto Rattner (de 1960), é jornalista e vive em Lisboa, em Portugal. Casado com Helena de Medeiros Raposo, teve dois filhos, Eduardo e Carolina.